

O Livro de Daniel - Número cento e oitenta e um

O clamor da meia-noite e o papel profético de Roma: desvendando os últimos dias no livro de Daniel

Jeff Pippenger

2024-04-11

No capítulo onze de Daniel, há várias linhas de profecia que todas se alinham com os últimos seis versículos do capítulo. A porção que se alinha com a história do versículo quarenta, desde o tempo do fim em 1989 até a lei dominical do versículo quarenta e um, é a porção da profecia que foi selada até os últimos dias. Ela é o complemento de Daniel à Revelação de Jesus Cristo que é desselada pouco antes do encerramento da graça. O versículo dois introduz Trump, o último presidente republicano, o último Presidente, o Presidente que é o oitavo e procede dos sete, e ele é o presidente mais rico que começou a agitar os globalistas quando anunciou sua candidatura em 2015. O versículo dez identifica 1989, e os versículos onze e doze identificam a Guerra da Ucrânia, que começou em 2014, com a vitória de Putin e sua subsequente ruína.

Os versículos treze a quinze descrevem a terceira das três batalhas do versículo quarenta, começando com o colapso da União Soviética em 1989, depois a Guerra da Ucrânia, seguida pela Batalha de Panium, que representa a luta externa do protestantismo apóstata nos Estados Unidos contra os globalistas do mundo.

O protestantismo apóstata prevalece e estabelece a relação hierárquica da união tríplice que será implementada na iminente lei dominical. A besta é o catolicismo, e ela é a cabeça dos três poderes, representada como Jezabel e uma multidão de outros símbolos. Ela é a prostituta que reina sobre e monta a besta.

O falso profeta são os Estados Unidos, representados por seu marido Acabe, que é a cabeça do reino décuplo do dragão. A Batalha de Pânio, em 200 a.C., tipifica a luta externa entre o globalismo e o protestantismo apóstata. A luta interna é representada pela revolta em 167 a.C., seguida pela rededicação do templo, comemorada por Hanukkah em 164 a.C.; a isso se seguiu um período de 161 a.C. a 158 a.C., que tipifica o momento em que os Estados Unidos erigem uma imagem da união entre igreja e Estado do catolicismo, conforme representada pela "liga".

No versículo treze, Uriah Smith nos informa que, catorze anos após a Batalha de Ráfia, Ptolemeu morre por causa de "intemperança e devassidão, e foi sucedido por seu filho, Ptolemeu Epífanos, então uma criança de quatro ou cinco anos. Antíoco, ao mesmo tempo, tendo suprimido a rebelião em seu reino e reduzido e pacificado as partes orientais à obediência, estava livre para qualquer empreendimento quando o jovem Epífanos subiu ao trono do Egito." Depois que a vitória de curta duração de Putin terminar, Trump estará pronto para lidar com o novo rei-menino do Egito. Antes de fazê-lo, ele terá "reprimido uma rebelião" nos Estados Unidos.

Quando Trump for eleito, ele implementará leis que foram exemplificadas pelas Leis de Estrangeiros e Sedição de 1798, além de suspender o "habeas corpus", como fez o primeiro

presidente republicano em resposta a uma guerra civil. Suas ações também têm sido exemplificadas pelas do presidente Grant ao lidar com a Ku Klux Klan, pelas de F. D. Roosevelt ao prender os japoneses e outros na Segunda Guerra Mundial, e pelo Patriot Act do último George Bush.

Ele, tal como Selêuco, suprimirá a rebelião nos Estados Unidos e então voltará os olhos para o “rei-menino” do Egito. Ao fazê-lo, formará uma aliança com Filipe da Macedônia, pois Smith registra: “Ao mesmo tempo, Filipe, rei da Macedônia, fez uma aliança com Antíoco para dividir entre si os domínios de Ptolomeu, cada um propondo-se a tomar as partes que lhe eram mais próximas e convenientes. Aqui houve um levantamento contra o rei do sul suficiente para cumprir a profecia e os próprios eventos, sem dúvida, que a profecia tinha em vista.”

Trump formará uma firme aliança com as nações da OTAN (as Nações Unidas), para tratar da Rússia e das complexidades de resolver as consequências da queda de Putin. Naquele tempo, de acordo com o versículo quatorze e o comentário de Smith, “um novo poder é introduzido”. O papado intervirá para proteger a Rússia e seus satélites da autoridade da OTAN e dos Estados Unidos, ou, como cita o comentário de Smith, “Roma falou; e a Síria e a Macedônia logo perceberam uma mudança sobrevindo ao aspecto de seu sonho. Os romanos interferiram em favor do jovem rei do Egito, determinados a que ele fosse protegido da ruína planejada por Antíoco e Filipe. Isto foi em 200 a.C., e constituiu uma das primeiras interferências importantes dos romanos nos assuntos da Síria e do Egito.”

Roma, a meretriz de Tiro, então começa a entoar seus cânticos e a cometer fornicção com os reis da terra, antes que esses reis venham a obedecer-lhe plenamente, apenas dois versos depois. Nesse mesmo tempo, ocorreu a Batalha de Panium. O ano 200 a.C. assinala a meretriz de Tiro começando a cantar, e ela o faz no que diz respeito a proteger a Rússia, que os Estados Unidos e as Nações Unidas acabam de concordar em dividir para seu benefício mútuo. A meretriz prevalece sobre ambos, mas a "batalha" de Panium então acontece e os Estados Unidos prevalecem sobre as Nações Unidas.

Simbolicamente, trinta e três anos depois, a revolta de Modein começa nos Estados Unidos. Simbolicamente, três anos depois disso, estabelece-se a rededicação do assim chamado protestantismo e de uma República Constitucional, conforme representada por Hanukkah. Simbolicamente, três anos depois disso, começa o período representado pela aliança dos judeus com Roma.

Os movimentos finais serão rápidos, portanto a história representada por quarenta e oito anos nos versículos descreve uma série de eventos rápidos que a profecia identificou especificamente como tendo início no tempo do fim, em 1989, seguida pela segunda batalha dos versículos onze e doze, em 2014, e por 2015, quando Trump anunciou sua candidatura à presidência e, assim, iniciou sua obra profética de agitar o globalismo. Assim que Trump iniciar o trabalho de suprimir a guerra civil que já está em curso, ele tentará uma aliança com as Nações Unidas (OTAN—Filipe da Macedônia), e Roma começará a cantar. A tentativa de aliança torna-se a luta pela supremacia entre as duas forças, representada pela Batalha de Panium.

Panium, então, é o marco do versículo treze, onde começam os movimentos rápidos finais que precedem a lei dominical. Todos os profetas falaram mais sobre o fim do mundo do que sobre o tempo em que viveram, e Jesus foi, é claro, o maior de todos os profetas. Pouco antes da cruz, que tipifica a lei dominical, a qual é representada pelo versículo dezesseis, Jesus fez uma viagem com Seus discípulos para Panium. O tempo que Ele passou ali, e as lições que Ele apresentou ali, se alinham com a iminente Batalha de Panium. Ao longo da história, Panium teve vários nomes, e na época de Cristo o nome de Panium era Cesareia de Filipe.

Jesus e Seus discípulos haviam agora chegado a uma das cidades nos arredores de Cesareia de Filipe. Estavam além dos limites da Galileia, numa região onde a idolatria predominava. Aqui, os discípulos estavam afastados da influência dominante do judaísmo e postos em contato mais estreito com o culto pagão. Ao seu redor estavam representadas formas de superstição que existiam em todas as partes do mundo. Jesus desejava que a visão dessas coisas os levasse a sentir sua responsabilidade para com os gentios. Durante Sua estada nessa região, Ele procurou afastar-Se de ensinar ao povo e dedicar-Se mais plenamente a Seus discípulos.

Ele estava prestes a lhes falar do sofrimento que O aguardava. Mas primeiro retirou-Se a sós e orou para que seus corações fossem preparados para receber Suas palavras. Ao juntar-Se a eles, não lhes comunicou de imediato aquilo que desejava transmitir. Antes de fazer isso, deu-lhes a oportunidade de confessar a fé nEle, para que fossem fortalecidos para a prova vindoura. Ele perguntou: "Quem dizem os homens que eu, o Filho do Homem, sou?"

Lamentavelmente, os discípulos foram obrigados a admitir que Israel não reconhecera o seu Messias. Alguns, de fato, ao verem Seus milagres, haviam declarado que Ele era o Filho de Davi. As multidões que haviam sido alimentadas em Betsaida haviam desejado proclamá-Lo rei de Israel. Muitos estavam dispostos a aceitá-Lo como profeta; mas não acreditavam que fosse o Messias.

Jesus então fez uma segunda pergunta, relativa aos próprios discípulos: 'Mas vós, quem dizeis que eu sou?' Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.'

Desde o princípio, Pedro acreditava que Jesus era o Messias. Muitos outros, que haviam sido convencidos pela pregação de João Batista e haviam aceitado a Cristo, começaram a duvidar da missão de João quando ele foi preso e morto; e agora duvidavam de que Jesus fosse o Messias, por quem tinham esperado por tanto tempo. Muitos dos discípulos que ardentemente esperavam que Jesus assumisse o Seu lugar no trono de Davi O deixaram quando perceberam que Ele não tinha tal intenção. Mas Pedro e seus companheiros não se afastaram de sua lealdade. A conduta vacilante dos que ontem louvavam e hoje condenavam não destruiu a fé do verdadeiro seguidor do Salvador. Pedro declarou: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." Ele não esperou por honras reais para coroar o seu Senhor, mas O aceitou em Sua humilhação.

Pedro havia expressado a fé dos doze. Mesmo assim, os discípulos ainda estavam longe de compreender a missão de Cristo. A oposição e a deturpação dos sacerdotes e governantes, embora não pudessem afastá-los de Cristo, ainda lhes causavam grande perplexidade. Eles não viam claramente o caminho. A influência de sua formação inicial, o ensino dos rabinos, o poder da tradição, ainda obstruíam sua visão da verdade. De tempos em tempos, preciosos

raios de luz de Jesus brilhavam sobre eles; ainda assim, muitas vezes, eram como homens tateando entre sombras. Mas nesse dia, antes de serem postos frente a frente com a grande prova de sua fé, o Espírito Santo repousou sobre eles com poder. Por um breve tempo, seus olhos se desviaram das “coisas que se veem” para contemplar “as que não se veem”. 2 Coríntios 4:18. Sob o véu da humanidade, discerniram a glória do Filho de Deus.

Jesus respondeu a Pedro, dizendo: 'Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, pois não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.'

A verdade que Pedro confessara é o fundamento da fé do crente. É aquilo que o próprio Cristo declarou ser a vida eterna. Mas a posse desse conhecimento não era motivo para vanglória. Não por sabedoria ou bondade suas fora isto revelado a Pedro. Jamais a humanidade, por si mesma, pode alcançar o conhecimento do divino. “É tão alto quanto o céu; que poderás tu fazer? mais profundo do que o inferno; que poderás tu saber?” Jó 11:8. Somente o Espírito de adoção pode nos revelar as coisas profundas de Deus, as quais “olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, nem jamais penetraram no coração do homem.” “Deus no-las revelou pelo Seu Espírito; pois o Espírito a todas as coisas perscruta, sim, as profundas coisas de Deus.” 1 Coríntios 2:9, 10. “O segredo do Senhor é para os que O temem;” e o fato de Pedro discernir a glória de Cristo era uma evidência de que ele fora “ensinado por Deus.” Salmo 25:14; João 6:45. Ah, de fato, “bem-aventurado és tu, Simão Barjonas; porque não foi carne e sangue que to revelou.”

Jesus continuou: 'Também eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.' O nome Pedro significa uma pedra — uma pedra que rola. Pedro não era a rocha sobre a qual a Igreja foi fundada. As portas do inferno prevaleceram contra ele quando negou o seu Senhor com maldições e juramentos. A Igreja foi edificada sobre Aquele contra quem as portas do inferno não puderam prevalecer.

Séculos antes do advento do Salvador, Moisés havia apontado para a Rocha da salvação de Israel. O salmista havia cantado da 'Rocha da minha fortaleza'. Isaías havia escrito: 'Assim diz o Senhor Deus: Eis que ponho em Sião, por fundamento, uma pedra, pedra provada, preciosa pedra angular, firme fundamento.' Deuteronômio 32:4; Salmo 62:7; Isaías 28:16. O próprio Pedro, escrevendo por inspiração, aplica essa profecia a Jesus. Ele diz: 'Se é que já provastes que o Senhor é bondoso; a quem, chegando-vos, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual.' 1 Pedro 2:3-5, R. V.

“Porque ninguém pode lançar outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo.’ 1 Coríntios 3:11. 'Sobre esta rocha', disse Jesus, 'edificarei a Minha igreja.' Na presença de Deus e de todas as inteligências celestiais, na presença do exército invisível do inferno, Cristo fundou a Sua igreja sobre a Rocha viva. Essa Rocha é Ele mesmo — Seu próprio corpo, por nós partido e ferido. Contra a igreja edificada sobre este fundamento, as portas do inferno não prevalecerão.”

Como frágil a igreja parecia quando Cristo proferiu estas palavras! Havia apenas um punhado de crentes, contra os quais todo o poder dos demônios e dos homens maus seria dirigido; ainda

assim, os seguidores de Cristo não deveriam temer. Edificados sobre a Rocha que era a sua força, não poderiam ser vencidos.

Por seis mil anos, a fé tem sido edificada sobre Cristo. Por seis mil anos, as inundações e tempestades da ira satânica têm batido contra a Rocha da nossa salvação; mas ela permanece inabalável.

"Pedro havia expressado a verdade que é o fundamento da fé da igreja, e Jesus então o honrou como o representante de todo o corpo de crentes. Ele disse: 'Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.'"

"As chaves do reino dos céus' são as palavras de Cristo. Todas as palavras da Sagrada Escritura são dele e estão aqui incluídas. Essas palavras têm poder para abrir e fechar o céu. Elas declaram as condições pelas quais os homens são recebidos ou rejeitados. Assim, a obra daqueles que pregam a palavra de Deus é aroma de vida para vida ou de morte para morte. A deles é uma missão carregada de resultados eternos."

O Salvador não confiou a Pedro, individualmente, a obra do evangelho. Mais tarde, repetindo as palavras que foram dirigidas a Pedro, Ele as aplicou diretamente à igreja. E o mesmo, em essência, foi dito também aos doze como representantes do corpo de crentes. Se Jesus tivesse delegado alguma autoridade especial a um dos discípulos acima dos demais, não os veríamos tão frequentemente disputando sobre quem deveria ser o maior. Eles teriam se submetido ao desejo de seu Mestre e honrado aquele que Ele havia escolhido.

"Em vez de nomear alguém para ser o líder deles, Cristo disse aos discípulos: 'Não sejais chamados Rabi'; 'nem sejais chamados mestres: pois um só é o vosso Mestre, o Cristo.' Mateus 23:8, 10."

"A cabeça de todo homem é Cristo.' Deus, que colocou todas as coisas debaixo dos pés do Salvador, 'o deu à igreja como cabeça sobre todas as coisas, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que enche tudo em todos.' 1 Coríntios 11:3; Efésios 1:22, 23. A igreja é edificada sobre Cristo como seu fundamento; deve obedecer a Cristo como sua cabeça. Não deve depender do homem, nem ser controlada pelo homem. Muitos afirmam que uma posição de confiança na igreja lhes confere autoridade para ditar o que outros homens devem crer e o que devem fazer. Essa pretensão Deus não sanciona. O Salvador declara: 'Todos vós sois irmãos.' Todos estão expostos à tentação e sujeitos ao erro. Não podemos depender de nenhum ser finito para orientação. A Rocha da fé é a presença viva de Cristo na igreja. Nisto os mais fracos podem confiar, e os que se consideram os mais fortes se revelarão os mais fracos, a menos que façam de Cristo a sua suficiência. 'Maldito o homem que confia no homem e faz da carne o seu braço.' O Senhor 'é a Rocha, a sua obra é perfeita.' 'Bem-aventurados todos os que nele confiam.' Jeremias 17:5; Deuteronômio 32:4; Salmo 2:12."

Após a confissão de Pedro, Jesus ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo. Essa ordem foi dada por causa da oposição obstinada dos escribas e fariseus. Além disso, o povo, e até mesmo os discípulos, tinham uma concepção tão errônea do Messias que um anúncio público dEle não lhes daria uma ideia verdadeira de Seu caráter ou de Sua

obra. Mas, dia após dia, Ele Se revelava a eles como o Salvador e, assim, desejava dar-lhes uma verdadeira concepção dEle como o Messias.

“Os discípulos ainda esperavam que Cristo reinasse como um príncipe temporal. Embora Ele houvesse por tanto tempo ocultado Seu desígnio, eles criam que Ele não permaneceria para sempre em pobreza e obscuridade; estava próximo o tempo em que estabeleceria Seu reino. Que o ódio dos sacerdotes e rabinos jamais seria vencido, que Cristo seria rejeitado por Sua própria nação, condenado como enganador e crucificado como malfeitor, — tal pensamento os discípulos jamais haviam alimentado. Mas a hora do poder das trevas se aproximava, e Jesus precisava abrir a Seus discípulos o conflito que estava diante deles. Estava triste ao antecipar a provação.” O Desejado de Todas as Nações, 411-415.

O versículo dezesseis de Daniel 11 representa a iminente lei dominical nos Estados Unidos. Pouco antes da hora daquele "terremoto", os candidatos que buscam estar entre os cento e quarenta e quatro mil são despertados do seu sono. O que os desperta é uma mensagem profética. Nesse momento, duas classes se manifestam e, como ilustrado na parábola das dez virgens, uma classe tem azeite nos vasos, a outra não. Os versículos treze a quinze de Daniel 11 não apenas representam a história profética que precede a lei dominical; eles representam a "mensagem", que, no contexto da parábola das dez virgens, é o "azeite" que os prudentes terão para receber o selo de Deus e serem erguidos como um estandarte na hora do grande terremoto. Estes artigos agora chegaram ao clímax de todos os artigos, pois a mensagem que está representada nesses versículos é o azeite dourado que é derramado através de dois tubos de ouro.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Enquanto os que professam a verdade estiverem servindo a Satanás, sua sombra infernal lhes vedará a visão de Deus e do céu. Serão como aqueles que perderam o primeiro amor. Não conseguem contemplar as realidades eternas. Aquilo que Deus preparou para nós está representado em Zacarias, capítulos 3 e 4, e 4:12-14: 'E tornei a responder e lhe disse: Que são estes dois ramos de oliveira que, por meio dos dois tubos de ouro, despejam de si o azeite dourado? E ele me respondeu e disse: Não sabes o que são? E eu disse: Não, meu senhor. Então ele disse: Estes são os dois ungidos, que estão junto ao Senhor de toda a terra.'

O Senhor é cheio de recursos. Não lhe faltam meios. É por causa da nossa falta de fé, do nosso apego às coisas terrenas, da nossa conversa vã, da nossa incredulidade, manifestada em nossa conversação, que sombras densas se ajuntam ao nosso redor. Cristo não é revelado, em palavra nem em caráter, como Aquele que é totalmente desejável e o mais distinguido entre dez mil. Quando a alma se contenta em se elevar à vaidade, o Espírito do Senhor pode fazer pouco por ela. Nossa visão míope contempla a sombra, mas não consegue ver a glória além. Anjos estão retendo os quatro ventos, representados como um cavalo irado que procura romper as amarras e precipitar-se sobre a face de toda a terra, levando destruição e morte em seu caminho.

“Dormiremos nós à própria beira do mundo eterno? Seremos apáticos, frios e mortos? Oh, que pudéssemos ter em nossas igrejas o Espírito e o sopro de Deus insuflados em Seu povo, para que pudessem pôr-se em pé e viver. Precisamos ver que o caminho é estreito, e a porta, apertada. Mas, ao passarmos pela porta estreita, a sua largura é sem limite.” Manuscript

Releases, volume 20, 217.

“Os ungidos que assistem junto ao Senhor de toda a terra ocupam a posição outrora dada a Satanás como querubim cobridor. Por meio dos seres santos que rodeiam o seu trono, o Senhor mantém constante comunicação com os habitantes da terra. O azeite dourado representa a graça com a qual Deus mantém abastecidas as lâmpadas dos crentes, para que não tremulem nem se apaguem. Se não fosse esse santo azeite derramado do céu nas mensagens do Espírito de Deus, os agentes do mal teriam inteiro controle sobre os homens.

“Deus é desonrado quando não recebemos as comunicações que Ele nos envia. Assim recusamos o óleo dourado que Ele derramaria em nossa alma para ser comunicado àqueles que estão em trevas. Quando vier o chamado: ‘Eis que o esposo vem; saí-lhe ao encontro’, os que não receberam o santo óleo, que não acalentaram em seu coração a graça de Cristo, descobrirão, como as virgens insensatas, que não estão preparados para encontrar seu Senhor. Não possuem, em si mesmos, poder para obter o óleo, e sua vida fica arruinada. Mas, se o Santo Espírito de Deus for pedido, se suplicarmos, como fez Moisés, ‘Rogo-te que me mostres a tua glória’, o amor de Deus será derramado em nosso coração. Pelos tubos de ouro, o óleo dourado nos será comunicado. ‘Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.’ Ao receber os resplandecentes raios do Sol da Justiça, os filhos de Deus brilham como luzes no mundo.” Review and Herald, 20 de julho de 1897.